

Leituras e leitores:suas tramas de sentido e suas práticas

Leitura, releitura e desleitura é o tema norteador deste número da *Revista Scripta*. A escolha por essa temática pode ser explicada por determinadas razões, mas, aqui, gostaríamos de assinalar, pelo menos duas, as quais em alguma medida resumem um dos focos que têm capitalizado as discussões sobre ela, e, particularmente, sobre a questão da leitura, considerando a complexidade e os desafios que envolvem tais discussões, na contemporaneidade, seja do ponto de vista teórico e analítico, seja pragmático, esse último forjado a partir de um amplo espectro das práticas de leitura de nossa época, investidas de uma diversidade empírica, plurais e heterogêneas, com seus objetos de leitura, modos produção e gestos de ler, sujeitos leitores e novas ou outras textualidades, essas, inclusive, erigidas no domínio da cultura digital.

Uma entrada que se mostra, de saída, importante é ter em conta que falar de leitura, de releitura e de desleitura, como atestam os trabalhos reunidos nesta edição da *Scripta*, significa estar diante de objetos de estudo, com suas teorias e empreitadas analíticas, que se apresentam abertos, multivozeados, ambientados em vários campos disciplinares, tais como Crítica Literária, Estética da Recepção, Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Linguística Textual, Psicolinguística, Pedagogia, História Cultural, Sociologia da Leitura, Ciências da Cognição, entre outros, os quais, cada um a seu modo, conforme abordagem teórica eleita, têm uma palavra a dizer.

Mas, no âmbito desses domínios, numa lógica marcada pela interface, também os textos aqui apresentados irrompem fronteiras, híbridas e alargadas, fazendo combinar diferentes perspectivas capazes de identificar pontos e entradas de reflexões e análises que a problemática da leitura e do texto suscitam. Fato que nos sinaliza que, por um lado, tal objeto não está circunscrito a uma determinada área de saber e/ou a uma abordagem teórica e, por outro, a natureza multifacetada desse objeto e as diferentes chaves para lê-lo, relê-lo ou deslê-lo ou reescrevê-lo.

Assim, em sua diversidade, esses estudos vêm ampliando a complexidade em torno do conceito de leitura e, de igual modo, os conceitos de texto, de obra e de autor, sobremaneira no que tange a abordagens que evocam novas variáveis para interrogar a relação entre leitor, texto/obra e autor, pensando a leitura: (a) para além de uma atividade de decodificação; (b) para além da crença de que o texto ou a obra é uma unidade de sentido completa, fechada, resultante da organização que lhe foi conferida no momento de sua formulação ou elaboração; (c) para além de uma visão de leitor passivo, cujo único trabalho seria o de descobrir e absorver (ou traduzir) o texto ou a obra a partir de referências fixas, programadas pelo seu produtor.

Sobre isso, sem nos estender, é interessante, por ora, apenas assinalar que, sob tal ótica, está em vigência uma noção de leitura atrelada intimamente com a de texto e obra, tributária de uma tradição hermenêutica literária e, igualmente, alinhada a exercícios de interpretação de textos bíblicos e jurídicos, que guardam, para a leitura, o princípio da coerência, postulando a existência de um sentido original e central que, em última análise, possibilita relacionar a obra ou o texto com uma intenção, uma origem, de forma a tentar, assim, subsumir a dialogicidade do texto em um sentido unitário.

Ademais, uma vez distanciados de tais modelos de leitura que apostam que o controle da recepção é possível e está nas mãos do autor, reduzindo a importância da apreensão do leitor, e, ainda, preocupados com a busca da exatidão do sentido ou a descoberta do sentido oculto, vários são os pesquisadores que têm reconhecido e enfatizado o caráter fluido, provisório e fragmentário do texto, assim como a sua incompletude, a ambiguidade dos signos, a movência da escrita, as textualidades

ou vozes que constituem o texto e que se abrem ao leitor numa gama de interpretações construídas num jogo de interlocução entre leitor e autor, em que o leitor é convidado a participar da produção de sentidos, a entrar na trama dos significantes, no processo da leitura.

Tais investidas, guardadas suas especificidades teóricas, podem ser reconhecidas na ideia de obra aberta, trazida por Umberto Eco (1997). Ideias afins também ressoam em Barthes (1992) ao falar do plural do texto, este afeito a reescritas, dado a intertextualidades e marcado por redes de interdiscursividade que o lançam adiante. E, ainda nesse contexto, ganha relevo a concepção de leitura como desleitura, partindo de Bloom (1995). Tomamos este conceito e nos apropriamos dele não para produzir uma genealogia da literatura a partir da escrita dos autores — mais especificamente poetas — mas como ato epistemológico, estético e ético dos leitores que inscrevem nos textos o desvio da sua leitura, assumindo-a como ato produtivo, criativo, desviante.

Na esteira dessas perspectivas de compreensão/interpretação e de leitura, outro argumento que trazemos à cena reporta à história de leitura do leitor, fator que se mostra importante quando admitimos que o leitor, em seus gestos de leitura, vem carregado de palavras – conforme nos enuncia Bakhtin (1997) –, atua e dialoga com o texto lido. E, sobre isso, deve ser ressaltado que, embora as experiências de leitura figurem individuais, tal prática não se dá apartada das injunções sociais, políticas e históricas que a situam no tempo-espaço e a singularizam. Nessa perspectiva, voltando-nos a Barthes (1992): ler é um trabalho com a linguagem, é um encontro com os sentidos que permite pensar um trabalho significado – em que o leitor se significa, posicionando-se – no corpo de uma dada prática discursiva, regulada pelas condições tanto da produção do texto como da recepção. Isso, em outros termos, faz trabalhar a historicidade do texto, da obra, dos dizeres, ditos e já ditos em atualização no e pelo encontro entre leitor e autor.

Para dar conta da pluralidade de abordagens aqui apresentada, o dossiê está organizado em três partes: A primeira parte intitula-se *Leituras, desleituras e releituras*; a segunda, *Cenas de leituras, desleituras e releituras literárias*; e a terceira, *Atores, produtos e processos nas leituras, desleituras e releituras*. Essa organização objetiva reunir, em seções específicas, os textos que realizam abordagens afins.¹

A parte que abre o volume, *Leituras, desleituras e releituras*, tem como primeiro texto *A leitura como relação*, de autoria de Roselaine de Lima Cordeiro e Valdir Prigol. Nele os autores propõem como objeto de discussão a obra de Daniel Link, no ensaio “Como se lê”, o qual afirma que na leitura há duas séries de sentido: uma que vem do leitor e uma que vem do texto. Partindo dessa proposição, os autores refletem sobre as posições dominantes da leitura que, como afirmam, colocam em jogo texto, leitor, tempo, valor e sentido, sendo o texto e o leitor fundamentais, o tempo, o presente da relação de leitura e o valor a relação entre texto e leitor em cada ato de ler. Desse modo, os sentidos são construídos na relação de leitura e esse efeito, chamado de redenominação, metáfora e imagem. O destaque do texto é a importância do literário na sua aproximação entre textos e leitores.

No texto *Sobre a construção de uma sociedade leitora: leitura literária como práxis de transformação social*, de Maria Aparecida Silva Ribeiro, encontra-se uma proposta de estudo de práticas contemporâneas de promoção da leitura literária em espaços escolares e extraescolares. A contribuição maior da pesquisa é problematizar a “concepção de leitura literária comprometida a uma práxis de transformação social”.

Débora Ventura Klayn Nascimento, no texto *Conceitos em leitura: contribuições das ciências*

¹ Nesta Apresentação, na construção da súmula dos artigos, foi feita uma apropriação livre dos resumos dos artigos publicados que ora foram citados com aspas, ora incorporados nos textos sem marcas explícitas de citação. Tal apropriação é facilmente confirmada quando da leitura dos textos publicados.

cognitivas e dos estudos em letramentos, associa estudos das ciências cognitivas e dos letramentos, visando discutir o conceito de leitura, sob a perspectiva cognitivista, e sua prática no ambiente escolar. No que se refere aos estudos dos letramentos, a autora objetiva problematizar as visões autônoma e ideológica dos letramentos em práticas escolares de leitura. Para isso, toma como objeto de estudo práticas de leitura em materiais didáticos e documentos oficiais do ensino de Língua Portuguesa no Brasil. O subsídio maior do artigo é revelar a importância da articulação de conceitos de diferentes campos do saber na busca pela contribuição para se pensar as práticas escolares de leitura.

O texto seguinte, *Novos protocolos de leitura: o contexto digital dos clubes de assinatura de livros*, escrito por Susana Azevedo Reis e Christina Ferraz Musse, tem como intuito compreender “quais recursos são utilizados pelos clubes brasileiros de assinatura de livros na mediação da leitura de seus associados”. O *corpus* analisado inclui os protocolos de leitura do livro *A pintora de henna*, de Alka Joshi – enviado pela Tag Livros –, a partir de um quadro teórico-metodológico construído por pesquisadores como Roger Chartier (2011), Yvana Fachine (2014), Henry Jenkins (2009), Umberto Eco (2004), Lucia Santaella (2004; 2013), entre outros. O estudo, em síntese, analisa as novas formas de ler do século XXI.

Novas práticas de leitura e escrita são o objeto de estudo do texto *A organização textual do gênero acadêmico squib na área de Linguística: uma proposta de leitura e escrita*, de autoria de Flaviane Faria Carvalho e Raquel Sacramento. A proposta da pesquisa é descrever padrões de organização retórica do gênero discursivo e acadêmico *squib*, com vistas a compreender especificidades do seu processo de produção textual a partir de um referencial teórico-metodológico proposto por Swales (1990), Bhatia (1993), Miller (1984), Motta-Roth e Hendges (2010). O objetivo do estudo, de acordo com as autoras, foi identificar, nomear e mapear os movimentos e passos retóricos seguidos no desenvolvimento e escrita de *squibs*, para contribuir com o processo de produção e leitura desse gênero.

Em seguida, Bruno Henrique Alvarenga Souza ensaia uma leitura de dois textos do poeta João Cabral de Melo Neto, *Pedra do sono* e *Os três mal-amados*, em diálogo com o conceito de “caos” – no caso, formulado a partir da filosofia de Gilles Deleuze. O objetivo, segundo o articulista é mostrar como a poesia de Cabral, nessa primeira fase, emerge aos poucos de uma estética subjetivista, calcada no surrealismo e no simbolismo, e se desloca em direção ao mundo exterior, dando início ao construtivismo que se tornará marca registrada de sua obra.

A primeira parte se encerra com *Ler, escrever, viver e sentir: uma entrevista com Olívia Dresher sobre o fragmento literário*, texto de Leonardo Neves Correia, Geraldo Cáfaró e Henrique de Oliveira Lee. Nele, os autores apresentam uma discussão relevante sobre o fragmento literário e, para isso, apresentam a obra de Olívia Dresher, “antologista, musicista e diarista norte-americana que adotou o *Twitter* como suporte para seus escritos íntimos”. Feita a apresentação da autora estudada, apresenta-se uma entrevista inédita com a escritora, para mostrar o que foi aprendido “sobre seus anos de formação, seus pensamentos sobre o fragmento e as implicações de se escrever em mídias sociais”. Assim, o próprio artigo se torna um texto híbrido em que reflexão e entrevista se complementam, de modo a destacar a “relação entre a escrita fragmentária e a modernidade, e aborda os desafios subjacentes à análise de fragmentos, o que inclui a própria flexibilidade desses textos (que podem assumir diversas formas)”.

A segunda seção do dossiê trata de textos que apresentam *Cenas de leituras, desleituras, releituras literárias*. Ela é aberta com o texto *Cenas de leitura em Infância*, de Graciliano Ramos, assinado por Chirley Domingues e Leandro de Bona, pesquisadores que objetivam analisar duas cenas do romance autobiográfico *Infância*, de Graciliano Ramos (1977), cenas estas que colocam em destaque a leitura e a relação do narrador protagonista com o ato de ler. O objetivo maior é problematizar o modo

como a leitura e a figura do leitor são representadas na obra de Graciliano Ramos, no interior de um quadro teórico-metodológico erigido por autores como Michèle Petit (2010), Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1988). Os autores concluem, pela análise de cenas da obra de Graciliano, uma valorização social do ato de ler ao lado da presença de materiais didáticos e metodologias de ensino conservadores, existentes durante muito tempo na cena escolar brasileira.

Na sequência, encontra-se *A leitura de fragmentos de Eduardo Galeano: possibilidades interdisciplinares em sala de aula*, cujos autores são Matheus da Costa-Tatsch e Rosane Maria Cardoso. O artigo procura abordar a importância de se apresentar o escritor uruguaio no ensino escolar. A intenção dos autores é apresentar não só a escrita de Galeano, mas também “a própria figura do autor no contexto latino-americano”. Para discutir “o gênero fragmento utilizado por Galeano como proposta de leitura na sala de aula”, os estudiosos buscam apoio teórico em Gustavo Bombini e em Annie Rouxel, escritores que investigam a subjetividade leitora.

Em seguida, Aroldo Garcia dos Anjos e Daiane Neumann, no texto *De carbono, raiz e minério: a intempestividade Tarso de Melo*, visam questionar, com Giorgio Agamben (2008; 2009) e Walter Benjamin (1987), o que é contemporâneo e qual sua relação com a chamada crise da poesia. Discutem-se, com Henri Meschonnic (1975; 2010; 2017), o caráter da modernidade, da subjetividade e de elementos para a leitura do poema em sua particularidade, no infinito do sujeito.

Diego Gomes do Valle, em *Do cômico ao trágico em três páginas: O santo e a porca, de Ariano Suassuna*, analisa o texto de Suassuna, enfatizando seu protagonista, Euricão, personagem que representa, comicadamente, o avarento – aquele “que sacrificou todos os luxos materiais em nome desse amor desordenado por uma porca repleta de dinheiro”. Aristóteles, Frye, Jaeger e Camus são referências para se pensar o cômico e o trágico, e a contribuição maior do estudo refere-se “à questão mais importante da filosofia tradicional: o problema do mal e do sofrimento”.

Subversão à tradição da literatura de cordel: um olhar para o protagonismo negro feminino nos cordéis de Jarid Arraes, de autoria de Rayssa Duarte Marques Cabral, Lisiane Oliveira e Lima Luiz e Gisele Meire Tita Nazário da Silva, analisa três cordéis do livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, da escritora Jarid Arraes. O objetivo primeiro das autoras é demonstrar, por meio dos cordéis de Jarid, a existência de uma subversão na literatura de cordel, transformação esta capaz de romper com tradições machistas e racistas que já tiveram destaque em diversas áreas, sob uma fundamentação teórica construída em Adichie (2009), Evaristo (2020), Maxado (2011), Ribeiro (2017; 2019), Hooks (2019), entre outros. O grande aporte do estudo é propor reflexões sobre o cordel produzido por mulheres negras na contemporaneidade, levando-as, desse modo, “da margem para o centro das discussões, para que sejam lidas, ouvidas e estudadas em espaços que costumam criar resistência a esse direito”.

Em outro texto dessa seção, *De carona com o Grivo: por uma metodologia de leitura lúdica para Cara-de-Bronze*, David Lopes da Silva percorre o texto rosiano [...] em busca de eventuais pistas que permitam ligá-lo cabalmente ao espectro dos jogos, a fim de facultar a criação de metodologia lúdica que viabilize uma leitura divertida e inventiva da obra.

O texto de David Lopes da Silva, passa por uma breve história dos jogos, sobretudo o xadrez, focaliza sua relação com a linguagem em lances famosos da literatura brasileira, finalizando em Guimarães Rosa, de quem se fala. A proposta analítica é trabalhar especificamente o vocabulário da novela, a partir das variadas definições alternativas ofertadas por um dicionário.

Lorde, de João Gilberto Noll: imaginário e identidade, assinado por Milene Gayer Goulart, consiste em uma análise do romance *Lorde* (2014), do autor João Gilberto Noll; análise fundamentada em teorias do imaginário, propostas por Gilbert Durand (2012), Jean Chevalier e Alain Gueerbrant

(1991), e nas considerações de Stuart Hall (2006) e Tadeu Tomaz da Silva (2000) acerca da construção da identidade.

Matheus Lima da Silva e Ramiro Giroldo, em *A crise de representação na narrativa jamesiana, A outra volta do parafuso, e a sua reescrita em Os outros*, ensaiam “discutir as estratégias pautadas na tensão entre as convenções e os protocolos narrativos da literatura realista e as técnicas experimentais modernistas empregadas por Henry James em *A outra volta do parafuso*”, enfatizando as discussões referentes à noção de *mimesis* e as perspectivas da crise da representação que se fazem presentes no texto literário. O intuito dos autores é “analisar o deslindamento dos mecanismos estéticos narrativos utilizados para engendrar a tensão entre protocolos narrativos distintos e, por vezes, antagônicos, no processo de adaptação da novela de James para a versão filmica *Os outros*.”

Em seguida, Roberta Guimarães Franco, no texto *Um escrever-ler em continuum: políticas de afeto no (des)lembrar de Ondjaki*, reflete a produção ondjakiana como “um escrever-ler em *continuum*, tendo o ‘antigamente’ da infância como um tempo/lugar de forte referência”. A abordagem do estudo propõe que, apesar de recorrer ao “pacto” autobiográfico ou ao “contrato” autoficcional, o diálogo no interior do universo ficcional do escritor ultrapassa leituras teóricas. A obra de Ondjaki, para a autora, configuraria “a construção de um projeto literário em que o (des)lembrar é um caminho crucial para uma opção estética pelas políticas de afeto”.

O artigo *Uma leitura decolonial dos sentidos da violência em Robinson Crusoe*, de Tiago Silva e Carlos Magno Gomes, propõe uma leitura do romance *Robinson Crusoe* (1719), do inglês Daniel Defoe, “questionando sua lógica de colonialidade, revelada na existência de um ‘Olhar do Norte’, a partir do qual a representação foi construída”. Metodologicamente, os autores revisitam os debates pós-coloniais propostos por A. Quijano (2005) e W. Mignolo (2008) e as abordagens decoloniais articuladas por G. Kilomba (2019) para especificar como o protagonista Crusoe se vê em relação ao **outro** a partir de seu lugar, “individualista, liberal, moderno, regido pelo objetivo do lucro e do enriquecimento”. A grande contribuição do texto é propor uma leitura que amplia os sentidos ideológicos (do projeto colonizador) registrados no texto de Defoe.

Finaliza essa seção *A ex-cêntrica negritude do pequeno príncipe preto (2020): considerações sobre a influência*, texto de Natacha dos Santos Esteves e Wilma dos Santos Coqueiro que analisa a ex-cêntridade pós-moderna do príncipe preto no romance *O pequeno príncipe preto (2020)*, do escritor brasileiro Rodrigo França, mostrando como o personagem recupera discursos históricos e os reinterpreta, questiona-os, sem, no entanto, negá-los. O estudo, em linhas gerais, “busca mostrar como uma narrativa infantojuvenil contemporânea, cuja autor é oriundo de grupos minoritários, reverbera o discurso pós-moderno em níveis temáticos e formais”.

A última seção do dossiê, *Atores, produtos e processos nas leituras, desleituras, releituras*, inicia-se com *A edição de glossários em obras literárias nas variantes brasileira e europeia da língua portuguesa*, texto de autoria de Tagiane Mai. O estudo se propõe a analisar glossários de obras originalmente escritas na variante brasileira e na variante lusitana do português e, respectivamente, comercializadas em Portugal e no Brasil. Os livros selecionados para análise foram *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório (português brasileiro), e *Pão de Açúcar*, de Afonso Reis Cabral (português europeu). Mai investiga os critérios adotados pelas editoras para inserir esse instrumento linguístico no livro, a partir de entrevistas com as editoras responsáveis pelas publicações e com a profissional que produziu o glossário da obra editada em Portugal. A conclusão aponta a presença de glossários cujo objetivo é o de contextualizar a leitura em casos de forte presença de oralidade e de variantes regionais, além de “explicar termos específicos que, fora da comunidade linguística que os emprega, dificilmente seriam compreendidos pelo leitor comum”.

Em *Audiolivros: desafios de produção, voz do narrador e público-leitor*, Denise Schittine discute o consumo de audiolivros no Brasil, o crescimento de sua presença entre os leitores-ouvintes e o impacto da produção de novos audiolivros na acessibilidade oferecida “ao leitor com deficiência visual ou baixa visão”. A autora conta como o audiolivro se beneficia “das técnicas sonoras implantadas no livro falado, mas com uma proposta diversa: oferecer uma leitura artística”. O trabalho de Schittine “aponta as soluções que editoras e plataformas vêm adotando para destacar uma das principais ferramentas na produção de audiolivros: a voz”.

Analisar o controle e a ordenação gerados pelo “Crianceiras” – um aplicativo literário no qual o jogador, sendo igualmente um leitor, tem suas ações e interações delimitadas pelas possibilidades do dispositivo jogo – é o objetivo do texto *Aplicativo crianceiras: da ordem e controle do dispositivo jogo à submissão do jogador-leitor*, de Suelio Geraldo Pereira. Os conceitos de ideias de limite, ordenação (suscitada pelo jogo), manipulação e controle, inclusos na noção de dispositivo, são discutidos no estudo, assim como o de leitor, ou melhor, do “jogador-leitor”: “aquele que tem uma leitura permissível apenas após submeter-se às dinâmicas do aplicativo literário”. O aporte teórico-metodológico advém das observações do historiador Huizinga (2019) e do filósofo italiano Agamben (2005, 2009, 2017) sobre jogo e dispositivo, além dos estudos críticos referentes à leitura em aplicativos literários de Kirchof (2020), de Almeida (2019) e de Almeida e Segabinazi (2020). Nas palavras do articulista, a intenção do artigo não é emitir um juízo de valor estético e de qualidades literárias para o aplicativo, mas “demonstrar como o sujeito, o “jogador-leitor”, e suas ações, as de jogar e de ler, são perpassadas pela ordenação, controle, manipulação, regra, possibilidade, limites [...]”.

Em *Da carta ao livro: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão*, Leticia Nunes de Moraes desenvolve “uma abordagem qualitativa dos dois projetos editoriais que transformaram em livro a carta autobiográfica que Patrícia Galvão (1910-1962), a Pagu, escreveu a seu segundo marido, Geraldo Ferraz (1905-1979), em 1940.” Ao observar os produtos editoriais finais (livros), a articulista destaca como os conceitos que nortearam os dois projetos gráficos sugerem determinadas leituras, ou seja, indicam processos de textualização bastante distintos apesar de terem o mesmo documento original como ponto de partida do processo editorial.

Em sequência, *A influência da tecnologia e da música na construção narrativa e nos processos de leitura de A visit from the goon squad*, de Jennifer Egan, escrito por Anna Carolina de Almeida e Silva e Vinícius Carvalho Pereira, propõe-se a analisar a obra supracitada, *A visit from the goon squad*, em articulação com outros meios, especialmente as tecnologias digitais e a música. Para esse propósito, toma-se como objeto de estudo o penúltimo capítulo da obra de Egan, intitulado “*Great rock and roll pauses, by Alison Blake*”, em que a apropriação da formatação de *slides* fornece subsídios para estabelecer uma discussão a respeito do uso de elementos visuais de outras tecnologias na narrativa e de como isso é feito para integrar aspectos da música de maneira mais contundente à obra.

Finaliza a parte dos artigos do dossiê temático o trabalho *A Recepção de Clarice Lispector: da crítica à história literária e as mudanças de abordagens*, de Fabrício Lemos da Costa. Em seu texto o pesquisador reflete a respeito das leituras da ficção de Clarice Lispector ao longo da história de sua recepção. Para tanto, busca “compreender as interpretações da literatura clariciana, de acordo com as mudanças temáticas que implicam na forma de ler as obras dessa autora”, considerando aspectos da Crítica Literária e da História da Literatura.

Para além do dossiê temático, é importante dar destaque às entrevistas aqui publicadas que também dialogam diretamente com o tema do volume. A primeira delas é a entrevista de Nabil Araújo, doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor de Teoria da Literatura na graduação e na pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

(UERJ). O professor Nabil desenvolve projetos muito relevantes no campo da Teoria da Literatura e do Ensino de Literatura. Seu projeto “Ensino de literatura e desenvolvimento da competência crítica: uma ‘terceira via’ didático-pedagógica” foi premiado pela Fundação Carlos Chagas como a melhor experiência educativa inovadora realizada por docente de Licenciatura em 2014. Entrevistado pela professora Juliana Salvadori, o professor Nabil explora a desleitura como operador conceitual e suas possibilidades para pensar a leitura e o ensino de literatura.

A segunda entrevista foi concedida pelo professor João Wanderley Geraldi à professora Jane Quintiliano. Professor Geraldi é um dos nomes mais importantes no campo dos estudos da linguagem no Brasil, uma referência em pesquisas no campo dos estudos do ensino de língua materna. Em sua trajetória, sempre entrelaçou a docência e a pesquisa, e sempre se dedicou a temas e problemas que giram em torno das práticas de linguagem na escola, sua aprendizagem e processo de ensino. Geraldi traz um posicionamento teórico e analítico firme sobre os fenômenos da linguagem, elegendo a problemática da interação verbal, tomada como instância da produção da linguagem e da constituição dos sujeitos, para pensar as práticas de ensino de Língua Portuguesa na escola. É perseguindo esse debate que a professora Jane Quintiliano pauta a entrevista concedida pelo professor Geraldi, na qual focaliza o trabalho de (des)leitura, de desconstrução de leituras canônicas, estabelecidas como verdades.

E, por fim, completam este volume duas resenhas e artigos sobre temas diversos que compõem a seção livre de nossa edição. São eles: *Metaficção historiográfica em desmundo*, de Ana Miranda, de Ana Carolina Negrão Berlim de Andrade; *Imani - «uma sombra sem corpo»*, em *As Areias do Imperador*, de José Paulo Cruz Pereira; *O que fazer do revisor: prelúdio para uma polêmica linguístico-filosófica*, de Thiago Souza Pimentel; e *Les démarches et les interventions enseignantes au service du développement des compétences rédactionnelles des apprenants en classe de FLE*, de Souad Benabbes.

Apresentados os textos que compõem este número da *Scripta*, pode-se perceber que são inúmeras as questões que fomentam as discussões sobre a leitura e atravessam os trabalhos aqui reunidos, os quais, tomados em seu conjunto, oferecem ao leitor reflexões que permitem apreender a complexidade que envolve a noção de leitura e, nessa extensão, as noções de releitura e de desleitura. Em outras palavras, a diversidade dos estudos aqui propostos – com seus objetos investigados e abordagens teórico-analíticas – evidencia perspectivas que problematizam concepções de leitura fechadas ao múltiplo, que, em outros termos, nos fazem, portanto, desconfiar da completude e transparência da língua, da homogeneidade do discurso, do sujeito como dono ou origem do seu dizer, da soberania do texto e/ou do autor sobre o leitor. Em suma, são estudos cujas perspectivas nos convidam a reconhecer que investir em leitura, na contemporaneidade, frente à pluralidade de textualidades, significa não perder de vista que se tem um objeto, talhado na sua relação – textos, leitores e práticas e formas diferenciadas de interpretação – afeito ao heterogêneo, ao dissonante, ao fragmentário, ao descontínuo, ao marginal e ao provisório, que põe em questão as estruturas ditas inabaláveis, crenças em uma verdade una sobre gestos de ler.

As organizadoras

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. **S/Z: an essay**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BLOOM, Harold. **Um mapa de desleitura**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1997.